

STARS IN MY CROWN / 1950

um filme de Jacques Tourneur

Realização: Jacques Tourneur / **Argumento:** Margaret Fitts, baseado no romance de Joe David Brown / **Fotografia:** Charles Schoenbaum / **Direcção Artística:** Cedric Gibbons e Eddie Imazu / **Décors:** Edwin B. William e Alfred E. Spenser / **Guarda-Roupa:** Walter Plunkett / **Música e Direcção Musical:** Adolph Deutsch / **Canções:** “Stars in My Crown” de Robert Tucker / **Efeitos Especiais:** Warren Newcombe / **Montagem:** Gene Ruggiero / **Interpretação:** Joel McCrea (Josiah Doziah Gray), Ellen Drew (Harriet Cray), Dean Stockwell (John Kenyon), James Mitchell (Dr. Harris Jr.), Lewis Stone (Dr. Harris Sr.), Allan Hale (Jed Isbell), Amanda Blake (Faith Samuels), Juano Hernandez (Uncle Famous), Charles Kemper (Prof. Sam Jones), Ed Begley (Lon Backett), Arthur Hunnicutt (Chloroform Wiggins).

Produção: William H. Wright, para a Metro-Goldwyn-Mayer / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa–Museu do Cinema, 35mm, preto e branco, legendada em português, 89 minutos / **Estreia Mundial:** 25 de Fevereiro de 1950 / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição no nosso País, a 13 de Outubro de 1981, no Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian, integrado no Ciclo “Cinema Americano: Anos 50”.

“Muitos anos depois, frente ao pelotão de fuzilamento, o Coronel Aureliano Buendía havia de recordar aquela tarde, em que o pai o levava a conhecer o gelo. Macondo era então uma aldeia de vinte casas de barro e canas bravas, construída nas margens de um rio de águas diáfanas que se precipitavam por um leito de pedras polidas, brancas e enormes como ovos pré-históricos”.

Assim começa o famoso romance de Gabriel Garcia Marquez **Cien Años de Soledad**. E, embora não conste da história que John Kenyon, o protagonista do filme que vamos ver, alguma vez tenha enfrentado um pelotão de fuzilamento, as palavras iniciais que profere em *off* - muitos anos depois, também, pois que o filme é construído em *flash-back* - trazem-nos à memória (idêntica nostalgia, idêntica magia) o começo do romance de Garcia Marquez. E o clima mágico desta surpreendente obra, não anda muito longe do clima de **Cien Años de Soledad**. Não anda, também, muito longe (para nos remetermos a filmes) do clima de **How Green Was My Valley** de John Ford.

Antes de avançar razões para tais aproximações, explico-me sobre o adjectivo “surpreendente” acima utilizado. Surpreendente, porque na obra de Tourneur (e para quem conheça dele os célebres filmes de mulheres-panteras, homens-leopardos, zombies e demónios) parece constituir um caso à parte, bastante diverso dessas obras.

Surpreendente, porque, literalmente, vamos de surpresa em surpresa e quanto mais pensamos na obra mais motivos de espanto encontramos nela.

O próprio Tourneur admitiu que o “*ponto de vista deste filme era absolutamente diferente do dos outros*” e afirmou que desta obra “*que ninguém viu*” (o filme nunca foi distribuído comercialmente na Europa, nem em Portugal) era, dentro de tudo o que fez, a que preferia.

Numa entrevista explicou: “*Nessa altura (1949) estava livre, e não tinha contrato com qualquer firma. Tinha ganho bastante dinheiro com os filmes **Berlin Express** (1948) e **Easy Living** (1949). Tinha um grande amigo na MGM, William Wright, que preparava um filmezinho. Pedi-lhe para ler o argumento e ele emprestou-mo. Entusiasmei-me logo. Telefonei a Wright e disse-lhe que queria, custasse o que custasse, filmar esse argumento. Respondeu-me: ‘Mas, Jacques, é um filme sem importância, com um orçamento reduzidíssimo, que tem que ser feito em doze dias, e a nossa ideia é contratar um realizador pago à semana’. Continuei a insistir e ele disse-me ‘Jacques, percebe-me, não te podemos pagar’. Respondi-lhe: ‘Ouve, não há problemas, faço o filme de graça’. Esta resposta estarrecceu-o e, no dia seguinte, mandou-me dizer que me pagaria o que estavam dispostos a pagar ao realizador contratado à semana. O que, de resto, acabou por se virar contra mim, porque, quando acabei o filme, e me propuseram outros, todos os estúdios iam logo perguntar à MGM quanto é que me tinham pago e foi assim que o meu ordenado foi reduzido em dois terços. Foi o preço que paguei pela minha vontade de rodar este filme.*”

O autor do romance, Joe David Brown, escreveu-me uma carta que guardei, em que me dizia que tinha ficado comovidíssimo ao ver o filme, que o achava bem melhor que o romance. E ainda hoje” (são declarações de Tourneur em 1964) “quando o encontro, Joel McCrea diz-me sempre ‘Jacques, a maior alegria de toda a minha carreira foi ter trabalhado em **Stars in My Crown**”.

Explicadas as razões das surpresas mais imediatas, vamos às outras que são bem mais importantes. O mais sucintamente possível.

a) Logo no início, a voz de Dean Stockwell nos faz ir ao encontro do tempo perdido, da “cidade dourada” e da bellissima canção que dá o título ao filme. O plano da igreja coloca-nos no terreno do sagrado; o do comboio (genialmente enquadrado) nos das viagens donde não se volta mais. A primeira sequência com McCrea transforma um pistoleiro num padre. A planificação inicial são sucessivos toques de magia que levam o órfão Stockwell a filho adoptivo do pastor que gostava de *stars in his crown*.

b) A história do filme é a história da coexistência de um mundo harmónico: a educação de Dean, a casa, a igreja, o padre-pai que sabia dar murros (repare-se na assombrosa sequência da sua intervenção na briga), com um mundo oculto, sombrio, mágico (este o adjectivo mais adequado ao filme) onde se perfilam (em filigrana) os tabus impostos por essa mesma condição: o prazer (sempre ligado ao rio, quer este seja o lugar da pesca, quer este seja o lugar dos encontros dos namorados e dos furtivos beijos trocados); a casa do negro (iniciador de todos os ritos, sempre ameaçado e cuja água finalmente contamina); o mundo do prestidigitador que introduz o tema da doença (como McCrea, o espectador engana-se sobre a razão do mal-estar da criança); e o mundo do médico, personagem vagamente fáustico e assaz inquietante, que introduz o conflito religião-ciência, acabando por acusar o padre de ser o responsável pela propagação da epidemia (sempre as conotações são implícitas, jamais são explícitas).

c) É esse mundo mágico que para sempre marcará Dean Stockwell. O mundo em que o médico diz “*it’s all over*” - à cabeceira de um morto - e o padre lhe responde: “*No, doctor, it’s just beginning*”. O mundo em que o amor de James Mitchell e Amanda Blake faz *raccord* com as badaladas de um relógio, anunciando a morte do velho Lewis Stone que antes soubera (mas não lhe dissera) que o filho era bem melhor médico do que ele; o mundo em que mais uma pesca (a maravilhosa sequência Mitchell-Drew à beira-rio) e um anzol enfiado numa perna são o sinal que “*the happy days have gone*”; o mundo em que a ameaça paira sempre sobre o “marginal” (o que vive à margem do rio) e um papel em branco se transforma nas palavras que salvam; o mundo onde uma morta pode ressuscitar e só alguns anos depois, no **Ordet** de Dreyer nos foi dado ver uma ressurreição assim; o mundo da história do *straight strick Dick* e da canção que regressa sempre; o mundo, finalmente, onde há lugar para toda a magia (a sequência capital do prestidigitador) e as epidemias se propagam, como o mal, por vias subterrâneas.

d) Tudo se cruza e entrecruza neste filme tão assombrosamente belo. Atravessado por todos os fantasmas (o medo, o desejo, o sexo, a morte na idade em que tudo isso corre em obscura mescla, sem ainda haver nome para tais imagens), Stockwell morre e ressuscita num inexplicável da mesma ordem de beleza do fabuloso *traveling* em que no carro de palha os miúdos vêem as árvores passar em *contra-plongé*. E aprende que tudo o que viu é tão mágico como o *show* da sua maior aflicção e que o único pecado é fechar as portas sobre nós próprios, como McCrea fez quando duvidou e não teve fé. “*The will of God*” de que fala o pastor no final é a que está inscrita em qualquer imagem, mesmo vazia.

Basta fecharmos os olhos para ver a *city of good for everyone of us*. Esta série de “*vinhetas humanas*” como Tourneur chamou a **Stars in My Crown** - só nos lembra (tão, tão nostalgicamente) que esquecemos que os fins são sempre princípios, os princípios sempre fins e que, para voltar a Garcia Marquez “*as coisa têm todas vida própria, tudo está em saber despertar-lhes a alma*”.

Muitos, muito se esforçaram por aceder a um “realismo poético”. A Tourneur - neste filme único - isso foi dado de graça. Bastou-lhe saber que todo o real é poesia e toda a poesia real.

And now, we are in the story, too.

JOÃO BÉNARD DA COSTA

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico